

Guia *Rio de Janeiro* julho de 2004 - ano 1 - nº 2

Cultural



Portas abertas
ao futuro,
sem esquecer
o passado

São Cristóvão

mensagem

Caros Leitores,

Com o segundo número do *Guia Cultural do Rio de Janeiro*, iniciamos a consolidação de um veículo cultural que, mais do que inovador, busca trazer informação e conhecimento cultural aos habitantes do Estado e aos seus visitantes.

O Rio de Janeiro possui uma imensa diversidade cultural que pretendemos destacar e divulgar, resgatando, sempre que possível, os grandes destaques dos serviços culturais de cada lugar, quer seja uma cidade ou um bairro.

Nossa proposta de valorizar a ambiência cultural é baseada no fato de que o relacionamento humano com o componente urbano — sua identidade, arquitetura, paisagem, história, tradições e seus símbolos — é o que nos faz encontrar o “nosso lugar”.

Destaco, ainda, que a primeira edição esgotou-se rapidamente, principalmente pela demanda das escolas e dos hotéis. Garanto que estaremos aumentando a tiragem na exata medida em que possamos contar com o apoio e o patrocínio de empresas que acreditem nos valores culturais do Estado do Rio de Janeiro.

Neste número, que destacamos o Bairro de São Cristóvão, estou certa de que os leitores encontrarão vários símbolos culturais, de uma região que sempre demonstrou a sua importância na história de nosso País.

Agradeço o apoio de todos e espero que tenham uma boa leitura.

Regina Lima
Presidente
Câmara de Cultura



Os telescópios são uma das principais atrações do MAST

editorial

São Cristóvão

O ideal seria separar São Cristóvão em capítulos: dos índios tamoios; dos jesuítas; do Campo de São Cristóvão; da chegada de Dom João VI; do império de Dom Pedro I e II; da Quinta da Boa Vista; da industrialização pós-república; do proletariado; da imigração nordestina; do comércio de varejo e atacado; dos clubes de futebol; de Santa Genoveva; do Museu Nacional; da nova Feira de Tradições Nordestinas, enfim. Entrei com a pauta acreditando que o bairro fosse um e saí conhecendo vários. ‘São Cristóvãos’ que nós do *Guia Cultural do Rio de Janeiro* apresentamos aqui, nesta edição, num apanhado sucinto desta importante região da cidade que pede e precisa de um pouco mais de atenção.

André Comber
Editor

— guia cultural

Ano I — Nº 2 — julho de 2004 — Impresso

O *Guia Cultural do Rio de Janeiro* é uma publicação da **Câmara de Cultura**.

Diretora Executiva: Regina Lima

Editor e jornalista responsável: André Comber (JP 25349 RJ)

Diretor comercial: Joe Rodrigues

Programação Visual, fotografia e Diagramação: Raphael Comber

Revisor: Adilson dos Santos (JP 14455/65/09)

Fotolitos e Impressão: Empresas Ediouro Publicações

Rua Nova Jerusalém, 345 - Bonsucesso - cep. 21.042-235 - Rio de Janeiro - RJ

Telefones: 3882-8337/3882-8375. E-mail: sacgraf@ediouro.com.br

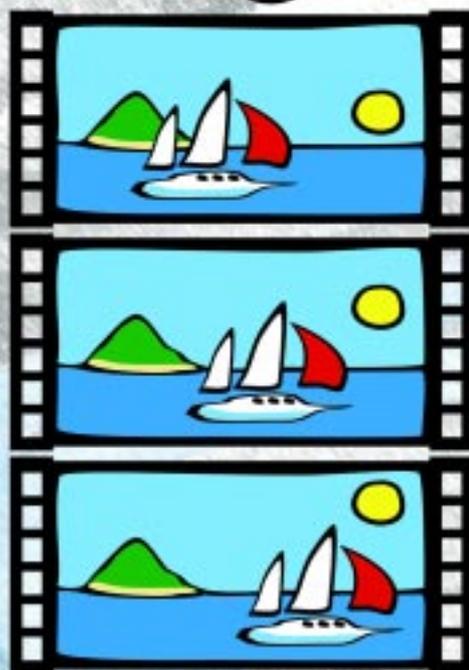
Tiragem: 10.000 exemplares

Endereço: Rua São José, 90, grupo 1.106 — Centro — RJ — CEP 20.010-020

Telefone: PABX (21) 2215-5515 — Fax (21) 2215-8689 E-mail: cultura@camaradecultura.org

O *Guia Cultural do Rio de Janeiro* não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em matérias assinadas e artigos.

Angra



Cine

**1ª Mostra de Audiovisual
de Angra dos Reis
de 23 a 26 de setembro de 2004**

Programação AngraCine

5ª feira, 23-09-2004 – ABERTURA:

6ª feira, 24-09-2004: Curtas e Documentários

Com início às 17:00 horas e encerramento às 22:00 horas, serão apresentados na Tenda Principal 6(seis) Curtas-metragens e Documentários nacionais, produzidos entre 2002 e 2003. Após a apresentação de cada um deles será aberto o debate sobre a sua produção na Tenda de Debates.

Sábado, 25-09-2004: Produções Independentes de TV, Publicidade e Videoclipes.

Com início às 17:00 horas e encerramento às 22:00 horas, serão apresentados na Tenda Principal 10(seis) Produções Independentes de TV e Videoclipes nacionais, produzidos entre 2002 e 2003. Após a apresentação de cada um deles será aberto o debate sobre a sua produção na Tenda de Debates.

Domingo, 26-09-2004: Os desafios da produção audiovisual nacional, com a participação do Dr. Orlando Senna, Secretário do Audiovisual, Ministério da Cultura. Com início às 10:00 horas e encerramento às 13:00 horas, será realizado na Tenda Principal um Seminário com o tema "Os desafios da produção audiovisual nacional", com a participação dos diretores e produtores presentes à mostra, visando encontrar propostas concretas para o desenvolvimento e profissionalização da produção audiovisual.

Realização:



Apoio:



Ministério
da Cultura



Parceria:



Sem segundo uniforme **crônica**

Pode parecer estranho, mas a primeira lembrança que vem à cabeça quando se fala em São Cristóvão não são as deliciosas opções de gastronomia e cultura que se concentram – escondidas, umas; escancaradas, outras – naquele enclave de saudade e fruição do Rio de Janeiro. Nem bem o acanhado e simpático estádio do São Cri-Cri, que pontua como um fragmento de paspatur a inimaginável Linha Vermelha de meus idos de infância. O que me vem à cabeça, na forma de pesadelo e sonho simultâneos, é o estádio de São Januário, cuja localização meu GPS espiritual se recusa a plotar no bairro que hoje leva o nome de um navegante português que deu origem a um clube que se transformou de vítima a algoz de minhas perturbações e êxtases tricolores. Táí a razão do pesadelo. O sonho...bem, o sonho diz respeito ao palco da primeira exibição daquele timaço que ganhou tudo o que disputou enquanto carregava estádio adentro a bandeira das três cores que traduzem tradição.

O ano era o da graça de 1983. O Fluminense estreia no Campeonato Carioca. Não o Carioca das ligas picaretas que asseguram vida longa aos espertos e perplexidade aos sensíveis. Falo do insuperável Carioca, do mais importante campeonato regional do Brasil, onde a cena e a contracena eram divididas pelos maiores craques que esta nação de craques produziu tal galinha poedeira. O Carioca era o Brasil. Do outro lado, imaculadamente branco, o simpático e tradicional São Cristóvão, sangrando o triste ocaso a bordo de uma experiência que a todos os amantes do futebol se anunciava como a realização de uma utopia: uma cooperativa de jogadores, sem cartolas. Com aquela camisa branca que não admitia — único caso no Brasil — segundo uniforme, estavam ali muitos ídolos em decadência, lutando romântica e bravamente contra a ação do tempo e pelo prato de comida: Rodrigues Neto, Gil e Orlando Lelé, ex-Seleção brasileira; Rui Rei, ex-

Corinthians; Zé Maria, um lateral genérico do Marco Antônio que andou experimentando brilharco na Máquina do Riva; outros menos votados; e Edu, o extraordinário ponta-esquerda que foi à Copa aos 16 anos e integrou o Santos de Pelé, uma orquestra de performances memoráveis. O Fluminense ganhou bem, muito bem, mas ficou uma cica renitente em minha esperança, ao protagonizar uma valsa triste de despedida, cujos acordes frouxos caíam sobre o gramado com o peso simbólico de um fósforo riscado. Um misto de esperança e fim.

Nunca mais vi o São Cri-Cri jogar. Dali, com o sistema de acesso e descenso, o glorioso alvinegro da Figueira de Melo só voltou aos jornais por uma vez: pela menção oblíqua ao fato de ter revelado um menino franzino que encantava os velhinhos que ainda guardavam em seu orgulho, com os negativos passando em seqüência, uma história que começou nas regatas que se sucediam quando a Baía de Guanabara ainda dava o ar de sua graça até o entorno da Igreja da Matriz, no Caju. O menino franzino ganhou o mundo e se fez fenômeno. O São Cristóvão, entre as glórias e o suspiro que fizeram de seu enredo um encadear simultâneo ao do século 20, pontificou e ruiu. De São Cristóvão Athletic Club a São Cristóvão Futebol e Regatas. Venceu as mais importantes modalidades esportivas, e abraçou de branco — todinho de branco — o troféu de campeão carioca de futebol em 1926.

Hoje, sempre que, tomado de coragem súbita, respiro fundo e encaro a Linha Vermelha, sinto-a menos ameaçadora em seu folclore sangrento quando do elevado me pego distraído olhando de esguelha para o velho estádio da Figueira de Melo.

E imagino um mundo todo de branco; sem segundo uniforme.

Beto Sales — cronista

Índice

- 5 Museu Nacional
- 6 O caminho de São Cristóvão
- 10 Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas
- 13 Entrevista: Agamenon de Almeida
- 15 Museu de Astronomia
- 17 Agenda Cultural



O bucolismo da Quinta contrasta com o São Cristóvão industrial/comercial

186 anos de Museu Nacional

Raphael Comber



O Museu Nacional completou 186 anos no dia 08 de junho com a inauguração da exposição Mostra de obras raras, com parte das gravuras e in fólhos recuperados recentemente, após terem sido furtados da instituição. Foram furtados ou danificados 28 títulos de sua coleção, alguns sumiram enquanto outros tiveram gravuras arrancadas. Dois títulos e cerca de 35% das gravuras foram recuperados.

A mais antiga instituição científica do Brasil, o Museu Nacional foi criado por D. João VI, em 1818. Inicialmente sediado no Campo de Sant'Ana, o Museu Real foi transferido para a Quinta da Boa Vista em 1892, ocupando desde então o Paço de São Cristóvão. Em 1922 passou a se chamar Museu Nacional. Foi incorporado à Universidade do

Brasil em 1946. Atualmente integra o Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Possui as maiores coleções da América Latina em Ciências Naturais e Antropológicas que ocupam uma área de 3.800 metros quadrados, com aproximadamente 10.000 peças em exposição — parte de 20 milhões de itens das coleções científicas conservadas e estudadas na instituição.

Entre os destaques do acervo está um dos únicos exemplares de múmia enfaixada com os membros separados. Os esqueletos de três preguiças gigantes e a réplica do esqueleto do dinossauro *Santana Placidus*, o mais primitivo dinossauro da linhagem do tiranossauro. É no Museu que também está o crânio de *Luzia*, o

fóssil humano mais antigo já encontrado nas Américas.

A Biblioteca foi aberta em 1863 e possui acervo de quatro mil títulos especializado nas áreas de ciências naturais e antropológicas. Com muitos itens doados por D. Pedro II, a coleção de obras raras tem grande importância por ter os primeiros registros da fauna e flora do país.

Visitação de terça a domingo, das 10 às 16h. Entrada R\$ 3,00. Grátis para maiores de 65 anos e menores de 10. Quinta da Boa Vista, s/n. Tel.: 21 - 2568-8262. www.museunacional.ufrj.br

Logo na entrada do museu, os três esqueletos de preguiças gigantes



Raphael Comber

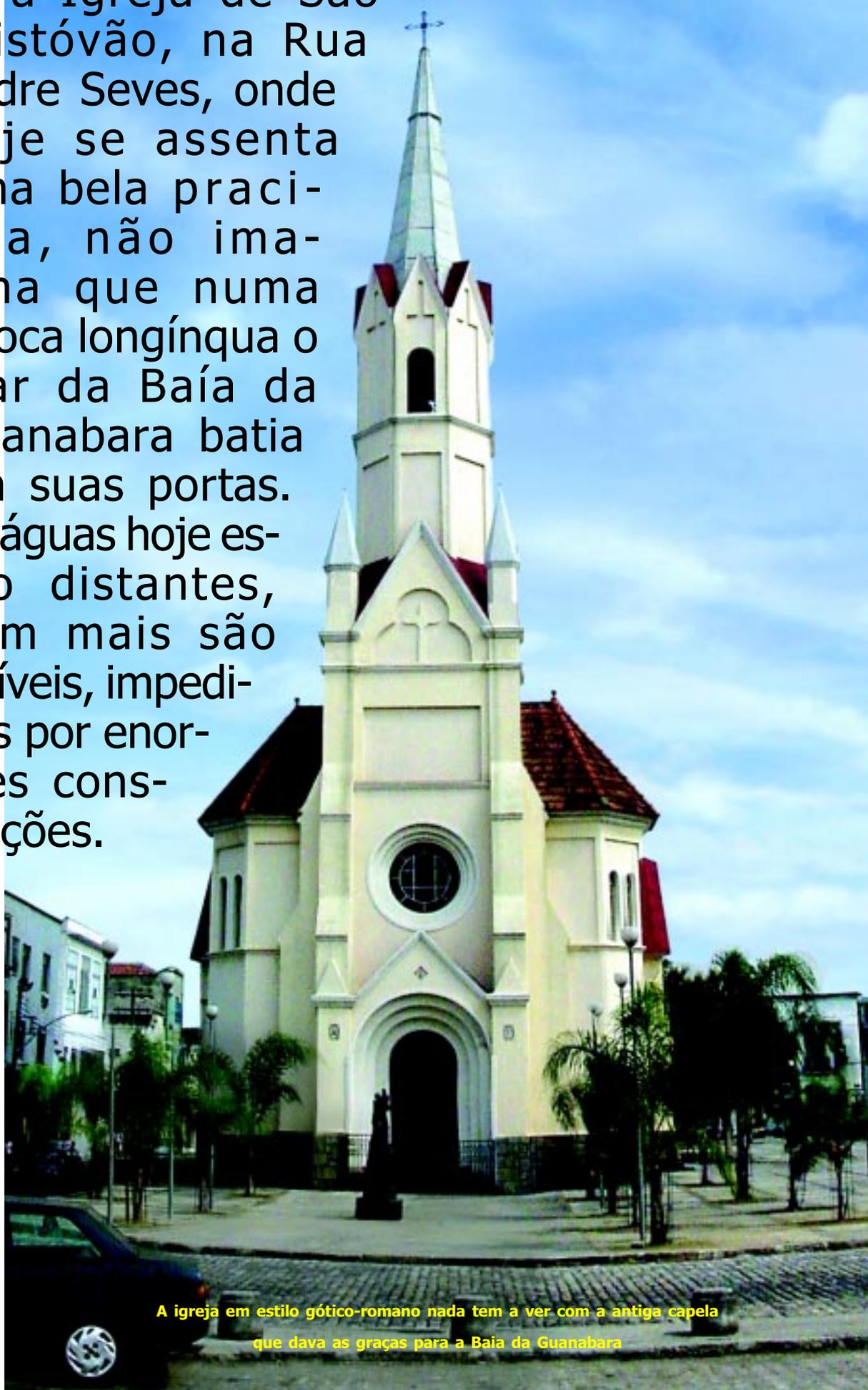


**O Paço de São Cristóvão
é a lembrança mais forte da era imperial**

Raphael Comber

O caminho de São Cristóvão

Quem pára em frente à Igreja de São Cristóvão, na Rua Padre Seves, onde hoje se assenta uma bela praçinha, não imagina que numa época longínqua o mar da Baía da Guanabara batia em suas portas. As águas hoje estão distantes, nem mais são visíveis, impedidas por enormes construções.



A igreja em estilo gótico-romano nada tem a ver com a antiga capela que dava as graças para a Baía da Guanabara



No fim do século XVI, porém, a Baía era a porta de entrada do bairro, por onde Estácio de Sá iniciou sua batalha para expulsar os índios Tamoios. Doada aos jesuítas — primeiros colonizadores da grande sesmaria que ia do Rio Comprido a Inhaúma — começou a ser ocupada com a construção de uma pequena igrejinha, a beira-mar, a quem os religiosos deram o nome em homenagem a São Cristóvão, fazendo tudo parte da fazenda de mesmo nome.

Onde hoje se encontram grandes armazéns, uma pequena vila de pescadores se formava e a igreja virou uma parada quando aberto o Caminho de São Cristóvão, primeira estrada de ligação da vila colonial do Rio de Janeiro com os engenhos do interior.

A chegada da corte

Os jesuítas foram expulsos dos domínios portugueses em 1759 e a Fazenda São Cristóvão, bem como toda área da antiga sesmaria, seqüestrada. Suas terras foram divididas em diversas propriedades com características de quintas, com ocupação e propriedades definidas.

Da antiga fazenda, uma das propriedades, a Quinta da Boa Vista, foi adquirida por Antônio Elias Lopes, um rico comerciante, enquanto parte do Engenho Novo passou para as mãos do Capitão de Milícias José Paulo da Mata Duque Estrada.

Elias Antônio Lopes construiu

a Quinta da Boa Vista e o Paço de São Cristóvão como sua residência de descanso. Com a chegada da Família Real, doou a propriedade a D. João VI, a transformando em morada do monarca.

D. Pedro e D. Leopoldina passaram a residir na Quinta da Boa Vista após o casamento em 1817. Também na Quinta cresceu e foi educado D. Pedro II, promovendo várias reformas na propriedade, inclusive nos seus jardins.

Bairro nobre

A residência da corte incentivou o crescimento da população e as chácaras em torno das propriedades reais aos poucos foram desmembradas e loteadas, dando origem a novas ruas e intensificando a ocupação do bairro.

Morada de nobres e ricos, foi uma das primeiras regiões da cidade a contar com boa infra-estrutura, como linhas de bondes, água e iluminação pública. Essas mesmas vantagens atraíram cada vez mais gente e no final do século XIX São Cristóvão já tinha um considerável contingente populacional.

A República

A Proclamação da República foi um passo grande na transformação do bairro. De repente tudo o que tinha a ver com o império, bem como o período colonial, foi deixado de lado, como para que fosse

e s - que-
cido. O
Paço de São Cristó-
vão perdeu importância com a
República, apesar de sediar a Consti-
tuinte de 1891. A grande mansão foi
transformada em 1893 no *Museu Na-
cional*. O palácio e seus jardins fica-
ram abandonados. Sofreu uma res-

tauração em 1909, quando Nilo Peçanha mandou resgatar as características originais, além de cercar toda a área do parque.

A elite migrou para bairros como Botafogo e Laranjeiras. De região nobre São Cristóvão se transformou numa área industrial, exatamente porque contava com boa infra-estrutura e a mão-de-obra de um proletariado formado pelo excedente de ex-escravos e imigrantes cada vez mais presente em suas ruas.

Pólo Industrial

Com a expansão do café houve um *boom* industrial na região, dado a proximidade do porto, perto do Caju e ao lado dos armazéns e trapiches e a grande concentração de mão-de-obra, além de abastecimento d'água.

O Prefeito Pereira Passos estimulou o processo, no início do século XX, construindo a Avenida do Cais e modernizando o Porto do Rio. A I Guerra Mundial forçou uma maior atividade fabril. Já durante o Estado Novo, a legislação enfim definiu São Cristóvão como zona industrial.

Foi aberta a Av. Brasil e os terrenos da área valorizaram. Grandes indústrias venderam lotes a altos preços e se transferiram para outros locais menos valorizados, mas servidos pela Brasil. São Cristóvão passou a concentrar pequenas indústrias e comércio atacadista. O bairro chegou a contribuir com quase 50% do ICM do município e tinha o 4º parque industrial da América do Sul e 2º do país.

Os anos 50

Na década de 50 o Campo de São Cristóvão passou a ser ponto final dos caminhões paus-de-arara que vinham do Nordeste. O comércio se popularizou com a aglomeração de imigrantes nordestinos e aos poucos a famosa Feira de São Cristóvão foi tomando forma. Com a Exposição Internacional de Indústria e Comércio também nos anos cinquenta se inicia a construção do Pavilhão.

E a Igreja de São Cristóvão – que nada tem a ver com a primeira igreja-nha que dava as graças para quem navegava na Guanabara – acabou por se esconder atrás de tantas transfor-

mações, uma síntese dos longos caminhos que levaram ao bairro de hoje.

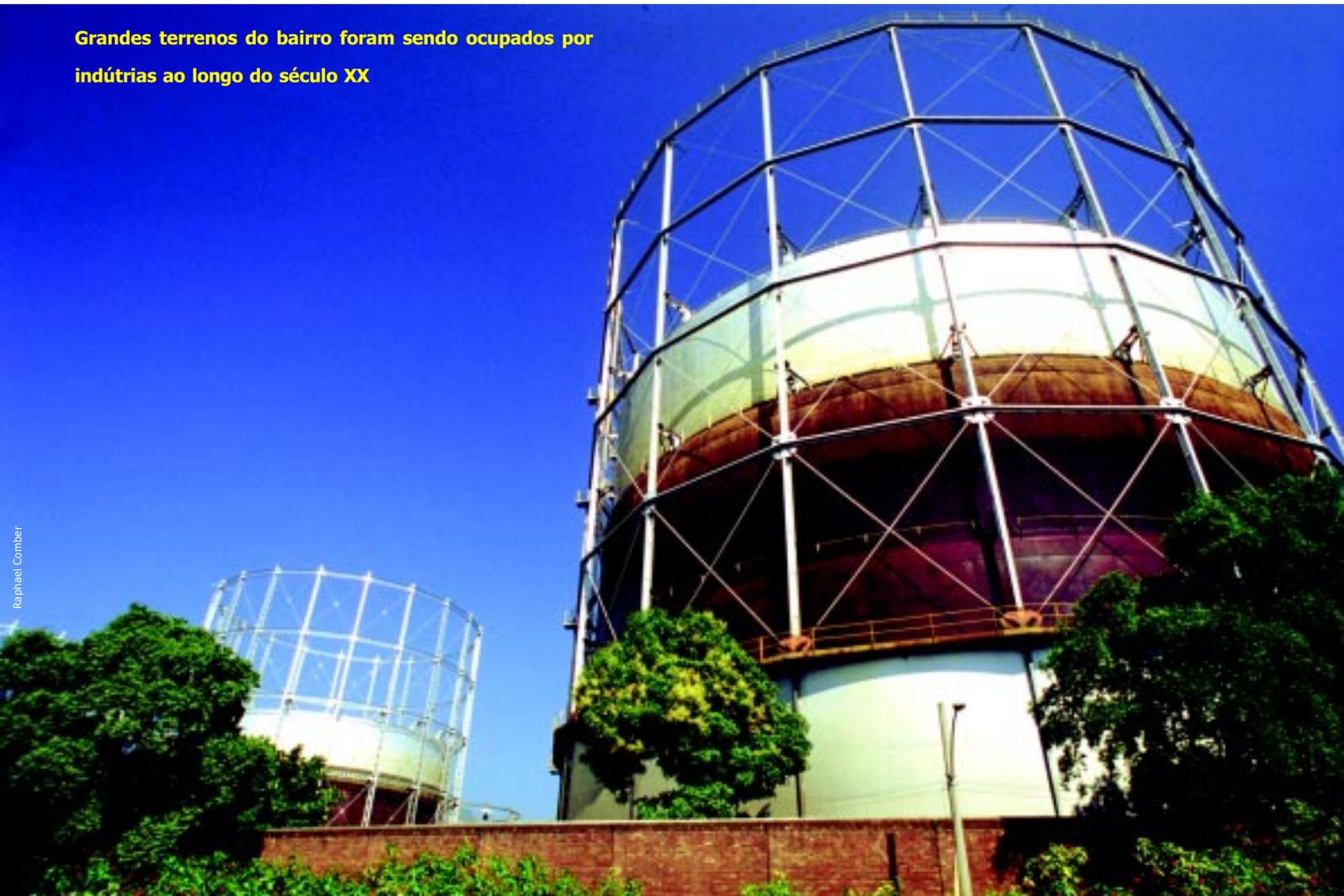
Alterando o PEU

Um importante passo para uma reestruturação do bairro de São Cristóvão está sendo dado, com o apoio de moradores e comerciantes. Tramita na Câmara de Vereadores do Município um novo PEU (Programa de Estruturação Urbana) para a região.

O texto propõe o aumento do gabarito em suas ruas, que poderão abrigar edificações com até doze andares. Dessa forma procura estimular a retomada do bairro como área residencial. Também nesse sentido, o PEU garantirá a preservação de 330 imóveis históricos com a criação de uma Apac (Área de Preservação do Ambiente Cultural).

Para o presidente da Câmara Comunitária de São Cristóvão, Maurício Mendes, a aprovação do PEU será um novo marco histórico para o bairro e permitirá que São Cristóvão prospere econômica e socialmente num futuro próximo. Estamos todos na torcida. 

Grandes terrenos do bairro foram sendo ocupados por indústrias ao longo do século XX



Que feira é essa?

A popular Feira de São Cristóvão vive uma nova realidade como Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas

Por André Comber

Para quem conheceu e freqüentou a Feira de Tradições Nordestinas quando ela ainda se espalhava em volta do Pavilhão, colorindo as ruas do Campo de São Cristóvão com o azul das centenas de barracas desorganizadas, a reação ao chegar em seu novo espaço é sem dúvida de arrepio.

Dentro do Pavilhão a antiga Feira de São Cristóvão, atualmente Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, saiu de popular e caótica para tornar-se um megacomplexo de entretenimento organizado e mais elitizado.

Para alguns foi uma homenagem mais do que merecida à comunidade nordestina aos imigrantes que há cinquenta anos começaram a chegar sobre os primeiros paus-de-arara no Campo de São Cristóvão. Foram eles que, se reunindo em quantidades cada vez maiores, montaram as primeiras barracas para comprar, vender e escutar a música típica de sua terra natal.

Para outros a nova Feira destruiu parte da essência da antiga: o popular, o desorganizado e improvisado. O toque romântico que havia criado ali em São Cristóvão um território nordestino autônomo. Mas assim como a Feira, a própria comunidade nordestina do Rio de Janeiro mudou.

Apesar do número de imigrantes ter se reduzido substancialmente — o auge da migração foi nos anos cinquenta e sessenta — a cidade ainda é o destino de muitos desventurados em busca de uma vida melhor, de um emprego. A realidade hoje é outra, o Rio de Janeiro é outro, não oferta mais tantos empregos nem uma vida mais digna. E ao contrário do que ocorria anteriormente, agora a cidade passa até por um processo de emigração e esvaziamento populacional.

Adeus aos paus-de-arara

Os paus-de-arara são uma lembrança de épocas passadas e muitos nordestinos fazem o caminho de volta para casa ou para bandas no interior do Brasil. No Rio de Janeiro a comunidade ganhou força, se organizou e se misturou, acabando por influenciar muito a cultura carioca. De imigrantes passaram a força política e formadores de opinião inseridos completamente na rede social da cidade.

Talvez a nova Feira reflita essa mudança e também o crescente interesse do Rio pela sua veia cultural nordestina. Ela está mais organizada e por ser dentro do Pavilhão passa uma segurança maior aos freqüentadores, o que naturalmente atrai setores da elite carioca.

Seu horário de funcionamento não mudou, de sexta a domingo sem parar, sem fechar. E a entrada, como não

poderia deixar de ser, é de graça. Os banheiros, que no começo muita gente reclamou porque custavam R\$1 cada visita, agora, por esse preço, vale quantas idas quiser. É justo, não só pela limpeza, mas pela grande quantidade deles.

A Prefeitura, idealizadora do espaço, disponibilizou dois grandes palcos, um de cada lado do pavilhão para show, e deu o nome a todas as suas ruas em homenagem a personalidades e estados nordestinos. Como antes, a música rola solta em quase todas as barracas, ou estandes, deixando uma verdadeira miscelânea de som no ar.

As barracas

A distribuição do espaço dentro do



Além do nome do Centro, Luiz Gonzaga ganhou uma estátua em sua homenagem na entrada do Pavilhão



Desafio de cantadores agita a noite de sábado na Feira



A Feira de São Cristóvão ganhou nova vestimenta como Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas



Os dois palcos do Centro já se tornaram um dos principais espaços para *shows* na cidade

Pavilhão foi dividida entre os antigos feirantes, de acordo com o tamanho de suas barracas quando do lado de fora. Muitos familiares juntaram seus espaços de direito, alguns passaram o ponto e outros comerciantes vão chegando com novas idéias para a Feira.

As barracas seguem um padrão, mas algumas já ganham personalidade e arquitetura própria, outras um toque mais elitista. Todas contam com eletricidade, água encanada e telefone. A maioria já realiza vendas com cartões de crédito e débito.

Novos tempos

O público também mudou. Segundo o presidente da Feira, Agamenon de Almeida, os antigos freqüentadores continuam vindo ao Centro, mas hoje o Pavilhão está mais família, com um movimento variado que vai do pessoal do subúrbio à Zona Sul e mais os estrangeiros.

Alguns feirantes já se adaptaram à nova realidade da Feira. Chiquita, há mais de 24 anos gerenciando sua barraca de mesmo nome, ampliou o seu cardápio incluindo vinhos típicos da região do Rio São Francisco e hoje conta com um somelier. Alguns de seus garçons fizeram curso de bar *tendler* e hoje preparam *drinks* mais elaborados com frutas típicas do Nordeste, como a caipirinha de caju e serigüela.

Parte de seu restaurante contará com uma área fechada com ar-condicionado. Segundo ela, para acomodar um novo tipo de visitante que quer vir à Feira, mas busca um espaço mais tranquilo e menos barulhento.

Alexandre Colonesse faz parte da safra de no-

vos comerciantes que pegaram pontos na Feira. Dono da barraca Canoa Quebrada, considera o Centro de Tradições um dos pontos turísticos mais importantes do Rio de Janeiro e conta com um cardápio em inglês para atrair estrangeiros. Para ele muitos barraqueiros ainda não compreenderam a mudança no perfil da Feira e estão ficando para trás.

Um projeto em adaptação

Não há dúvida que o Centro Luiz Gonzaga está passando por uma metamorfose e como qualquer mudança causa certo temor e desconfiança. A antiga Feira de São Cristóvão vai dando os seus últimos suspiros dentro do Pavilhão. Muitos feirantes estão demorando a entender esse processo e podem ser prejudicados pelo frenesi de novidades.

Parte do antigo público também não digeriu o novo espaço, ao tempo que muitos se viram encantados com tanta infra-estrutura. E novos freqüentadores, que não chegaram a conhecer a Feira do lado de fora do Pavilhão, descobrem aos poucos o Centro de Tradições.

O projeto é novo e demanda ainda alguns meses ou anos para assentar finalmente em sua nova casa. O importante é que em nenhum momento o seu motivo principal foi deixado de lado, ou perde força, o Nordeste.

Ao contrário, o novo Centro pode ser o trampolim definitivo para o processo crescente de influência da cultura nordestina na cidade do Rio de Janeiro, bem como uma vitrine dessa rica cultura na cidade que é o espelho do Brasil para o mundo. 

entrevista

Agamenon de Almeida

Presidente da *Coopcamp*, cooperativa que administra o *Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas*, o cearense Agamenon de Almeida está à frente, em parceria com a Prefeitura e 690 barraqueiros, dos 32 mil metros quadrados do Pavilhão de São Cristóvão, que emprega direta e indiretamente em torno de nove mil pessoas e tem um movimento de 150 mil visitantes por fim de semana.

Administrador de empresas, radialista e ex-policia, chegou no Rio em 1970. Como a maioria dos nordestinos da cidade do Rio, envolveu-se com a Feira naturalmente, onde tocou sanfona por mais de dezoito anos. Foi uma das principais vozes que impediram a transferência da Feira para fora de São Cristóvão no início dos anos 90, mesma época em que foi escolhido presidente.

Esteve à frente do processo de transferência da Feira para o Pavilhão de São Cristóvão, que, como ele mesmo diz, "foi um parto difícil", mas do qual tem muito orgulho. De seu escritório dentro do Pavilhão de São Cristóvão, concedeu a seguinte entrevista ao *Guia Cultural*:

GUIA CULTURAL: Como funcionou a reorganização dos barraqueiros e a distribuição do espaço dentro do Pavilhão?

AGAMENON: Foi necessário que o pessoal se cadastrasse, lógico, quem fosse comprovadamente atuante na Feira. O trabalho começou em 2001, fizemos vários cadastramentos. Nós mandamos a primeira relação dos feirantes para a Prefeitura em novembro de 2002. Foi um parto bem difícil. Tivemos que mandar 29 circulares durante 29 semanas seguidas, para que o pessoal viesse realmente atualizar os seus cadastros e nós sabermos realmente quem era atuante. Posteriormente a listagem foi encaminhada à Prefeitura,

Raphael Comber



que publicou no *Diário Oficial*.

Lá fora tinha barracas micro, pequenas, médias e grandes. Seguimos o mesmo histórico e a mesma forma de trabalhar. Quem era micro lá fora ficou com um micro espaço aqui dentro. Dividimos por setores barracas grandes e supergrandes. Fizemos a assembleia, onde foram convocadas as lideranças setoriais, e ficou decidido que em sendo barracas de família, colava para formar duas barracas e assim várias famílias que tinham barracas lá fora foram sorteadas juntas. Assim ficou mais viável economicamente e operacionalmente.

GUIA CULTURAL: Qual a sua opinião sobre a venda de pontos para terceiros que não atuavam na antiga feira?

AGAMENON: Eu desconheço que isso aconteça, mas particularmente eu seria a favor. Se fosse eu que legislasse concordava que vendesse sim. Você acha justo, por exemplo, uma pessoa que trabalha na Feira trinta, quarenta anos e tendo a

"Hoje 60% da noite carioca são tocados por nordestinos. Queiram ou não as pessoas têm de adquirir uma nova consciência da força da comunidade"

necessidade de ir embora e ter uma licença que seja obrigatoriamente transferida, que tenha que ser dada de presente?

Como fica a sua vida? Que fundo de garantia você tem? Para mim a não permissão é uma demagogia. Não existe isso aqui, mas eu sou a favor que exista porque não sou hipócrita nem injusto. A pessoa trabalhou a vida inteira e no final tem que dar o seu espaço de presente!

GUIA CULTURAL: Qual é a importância da Feira de São Cristóvão na sua opinião?

“A Feira de São Cristóvão é o maior Nordeste fora do Nordeste... onde a gente se encontra, reforça nossas origens”

AGAMENON: A Feira de São Cristóvão é o maior Nordeste fora do Nordeste. É o maior escritório de psicanálise coletivo do mundo. Para nós nordestinos é a válvula de escape das tensões sociais do povo do Nordeste, que vem de lá expulso pela mazela da seca e pela falta de vergonha dos governantes que não apóiam nada. A Feira é justamente onde a gente se encontra, reforça nossas origens.

GUIA CULTURAL: Você acha que a nova Feira reflete uma mudança que já vem ocorrendo, há alguns anos, na própria comunidade nordestina no Rio de Janeiro?

AGAMENON: Tranqüilamente, com certeza. O nordestino veio inicialmente para a cidade como mão-de-obra para construção civil, depois o pessoal começou a se reunir em pequenos grupos para comprar restaurantes. Hoje, por exemplo, 60% da noite carioca são tocados por nordestinos. Queiram ou não as pessoas têm de adquirir uma nova consciência da força da comunidade.

GUIA CULTURAL: O que falta realizar dentro do Centro de Tradições Nordestinas?

AGAMENON: Nós temos mais de cinquenta anos de idade se contarmos o tempo de Feira lá fora, mas apenas oito meses de Feira aqui dentro. Tem de haver uma adequação tanto minha como da administração de uma forma geral e do próprio feirante com a nova realidade da Feira. Lá fora era jogada e anti-higiênica. Aqui não, você tem água encanada, cartão de crédito e

telefone em todas as barracas.

Antes de entrar no pavilhão todos fizemos curso de gerenciamento do Sebrae, cursos básicos de higiene. Hoje a concepção é outra, mas sem tirar a personalidade, a espontaneidade. Tem o posto médico, o policial. Aqui dentro temos uma despesa mensal de mais de 150 mil reais, lá fora não tínhamos despesa nenhuma. Tem que ter uma adequação tanto de público quanto dos administradores e feirantes. Uma total readaptação.

GUIA CULTURAL: Você acha que o público da Feira mudou?

AGAMENON: Eu acho que nós tivemos um aumento quantitativo e qualitativo. Mudou e mudou muito. Nós temos aqui hoje crianças no berço, ficou mais família. Antigamente tinha três, quatro incidentes por fim de semana, hoje isso acabou.

GUIA CULTURAL: Vocês realizam algum trabalho social que envolva tanto a comunidade nordestina quanto o bairro de São Cristóvão?

AGAMENON: A nossa idéia de Feira não é só a gastronômica e cultural, trabalhamos o cultural junto com o social. A nossa idéia é que formemos grupos cooperativados com apoio do Sebrae, do governo municipal que ensinem artesanato para pessoas carentes da comunidade nordestina e botando os seus produtos para vender

aqui dentro da Feira. Aí o cara pode permanecer aqui como um cidadão digno, ou voltar para o Nordeste também com dignidade.

Outro trabalho pretendido é com as sobras futuras de receitas que vão vir se Deus quiser. Vamos dar assistência social às comunidades periféricas, como Tuiuti, Mangueira, colocando gabinetes odontológicos, postos de saúde, pequenas escolas de alfabetização de adultos. 



Observando o céu no MAST



O Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) divide o mesmo espaço físico no Morro de São Januário com o *Observatório Nacional*. Talvez por isso seja comum se referir ao Museu como parte do *Observatório*. Na verdade as duas instituições são órgãos independentes do *Ministério da Ciência e Tecnologia* (MCT).

O MAST nasceu do *Observatório*, em 1985, como uma unidade de pesquisa separada e voltada para a produção de conhecimento sobre a história da ciência e da tecnologia, que incluem a organização de seminários, publicação de livros e o acesso à biblioteca.

O acervo histórico do museu é vasto, vai de instrumentos científicos, máquinas e motores, fotografia, arquivos de instituições científicas e de cientistas brasileiros, além do próprio prédio onde está instalado — um belo exemplar de arquitetura eclética — e as antigas cúpulas de observação.

As cúpulas são um programa à parte, nos fazem sentir como se estivéssemos num filme de ficção científica, ambientado no início do séc XX. Suas lunetas históricas, com lentes de 21cm, ainda funcionam, mas só são utilizadas em eventos especiais.

Hoje quem quiser bisbilhotar o céu usa os modernos telescópios de 20 e 25cm também dispostos no campus. Pode parecer estranho deixar de lado aquelas enormes lunetas para olhar o céu através

de um telescópio bem menor, mas tamanho não é documento, ao menos para a tecnologia.

Para tirar a prova é só participar do *Programa de Observação do Céu*, todas as quartas, sábados e domingos ao anoitecer. Uma das primeiras atividades do Museu, também é uma das mais procuradas. Além da observação, no auditório são projetados vídeos com temas astronômicos, seguidos de uma apresentação multimídia que auxilia no esclarecimento do céu.

Além do grande acervo o MAST realiza uma

vasta gama de atividades que vão de palestras a exposições temporárias. No dia 28 de

junho foi inaugurada a nova iluminação do prédio e a exposição "Luiz Cruls, Um Cientista a Serviço do Brasil". O objetivo é resgatar a biografia ainda pouco conhecida de Luiz Cruls (1848-1908), diretor do *Observatório* na virada do século XIX para o século XX.

Outra atividade interessante é o *B brincando com a Ciência*, programa de educação em espaços não formais voltado para o público infantil. Todo mês é abordado um tema científico diferente, trabalhado por meio de divertidos experimentos interativos. É realizado a cada terceiro domingo do mês, das 16 às 18h.

O *Museu de Astronomia e Ciências Afins* fica na Rua General Bruce, 586 – São Cristóvão. Funciona terça, quinta e sexta das 10 às 17h, quarta das 10 às 20h e sábado e domingo das 16 às 20h. Tel.: 2580-7010 – entrada gratuita. Mais informações www.mast.br.

O saudoso Tião

Um dos chimpanzés mais famosos do mundo, o Macaco Tião era conhecido pela sua irreverência e presença marcante no Zoológico do Rio de Janeiro — onde era tratado como celebridade. Virou ícone após sua passagem pela política.

Lançado como candidato nas eleições municipais de 1988 — época em que o sistema ainda era de cédulas eleitorais — após campanha pelo voto nulo idealizada pelo grupo humorístico Cassetta e Planeta, angariou 9,5% dos votos, ficando em segundo lugar na contagem geral, atrás apenas de Marcelo Alencar, com 31%.

Nascido no Zoológico do Rio de Janeiro, em 1963, ganhou o nome de “Tião” em homenagem a São Sebastião, padroeiro da cidade. Além de candidato adorava perseguir os políticos que o visitavam lhes jogando comida e fezes.

Viveu a vida inteira no Riozoo, muitos inclusive diziam que tinha até um gingado carioca. Só lhe faltava falar. Falecido aos 33 anos em 1996, por complicações diabéticas, a cidade declarou luto oficial e sua morte foi matéria de capa do jornal francês *Le Monde*.

Em 1997 a Prefeitura do Rio fez sua estátua de bronze como homenagem, em frente a sua antiga morada, além de dar seu nome à alameda principal do Zoológico.



Estátua em homenagem ao macaco Tião

Raphael Comber

Um hospital público a serviço de nossos cães e gatos

O Instituto Municipal de Medicina Veterinária Jorge Vaitsman funciona desde 1917, na Av. Bartolomeu de Gusmão, 1.120. Conhecido por seu espaço reservado ao cemitério e crematório de animais de pequeno porte, é na verdade um grande complexo veterinário que inclui clínica, laboratório e fiscalização sanitária. Atende por volta de 1.100 clientes todo mês, entre cães e gatos.

Os serviços de atendimento médico-veterinário vão de um simples raio X a uma cirurgia óssea e são tabelados simbolicamente pela Prefeitura. Mas o instituto oferece gratuitamente vacinação contra raiva e esterilização. As consultas devem ser marcadas, pois não atendem a emergências.

A parte mais importante do Jorge Vaitsman, porém, está nos seus laboratórios e nos estudos e

controle de zoonoses, principalmente a raiva. É um dos mais respeitados centros veterinários do país, quando o assunto é a raiva animal. Tanto que atende, além de todo o Estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais e o Espírito Santo.

O cemitério de animais, que geralmente causa mais curiosidade por ser o único público do Rio de Janeiro, reserva mais de 4 mil vagas. Um cantinho para que os bichos de estimação descansem em paz.



O movimentado setor clínico

Raphael Comber



O descanso eterno dos animais de estimação

agenda cultural

Bairro Santa Genoveva

Conhecido como a *Montmartre* carioca, o sub-bairro, terminado em 1917 com quase uma centena de casas, foi construído à imagem e semelhança do parisiense. Inclusive suas ladeiras e ruas têm nomes derivados do francês. Escondido no meio de São Cristóvão, seu grande portão o separa da correria de fora, conservando o seu ar bucólico e aconchegante. Rua São Cristóvão, 442.

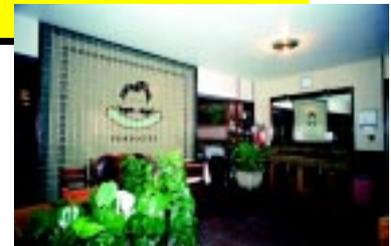


IV Batalhão da Polícia Militar

A edificação de 1907 foi ocupada pelo antigo IV Batalhão de Infantaria da Força Policial a partir de 1911. De arquitetura eclética e palaciana, sua história está intimamente ligada à corporação policial. Hoje abriga o IV Batalhão da Polícia do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). Rua Francisco Eugênio, 226/228, São Cristóvão.

Adegão Português

Fundado em 1964, é um dos mais tradicionais restaurantes portugueses da cidade. Continua agradando ao paladar dos fregueses com vastas porções de bacalhau, polvo, leitão e outras iguarias da terrinha. Campo de São Cristóvão, 212. De segunda a sábado, das 12h às 23h. Domingo das 12h às 20h. Tel.: 2580-7288.



Quinta da Boa Vista

Um dos cartões-postais mais conhecidos da cidade, sofreu diversas intervenções desde os tempos da família imperial. Suas características atuais — com jardins, rios, lagos e caminhos em curvas harmônicas — foram dadas por Glaziou, entre 1860 e 1878. A atual administração do parque realiza diversas atividades como teatro de marionetes (sábado 11h e domingo às 16h), cursos de esporte, educação ambiental e visitas guiadas (terças-feiras). Tels.: 2234-1609/2234-1574.

Escola Municipal Gonçalves Dias

Trata-se da mais antiga escola pública de Primeiro Grau ainda em funcionamento no Rio de Janeiro. O seu prédio de 1872 sofreu alterações, mas manteve original a arquitetura eclética. Campo de São Cristóvão, 115.



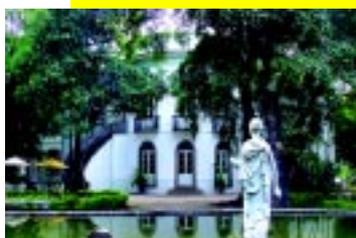
Espaço Cultural do Colégio Pedro II



Oferece um amplo *hall* de exposições para a divulgação de trabalhos em pintura, gravura, fotografia. Também realizam oficinas de criação artística, palestras, *workshops*, pesquisa e extensão, atendendo a alunos das redes municipal, estadual e federal de ensino, além de ONGs e outras entidades da comunidade de São Cristóvão. O Espaço Cultural está aberto ao público em geral, no horário das 08 às 17h, de 2ª a 6ª feira. Campo de São Cristóvão, 177. Tel.: 3891-1047. Mais informações: www.cp2.g12.br/cultura/es-

Museu Militar Conde de Linhares

Inaugurado em 1998, sobre edificação de 1921, abriga um grande acervo de fotos, fardas, armamentos, equipamentos e viaturas do Exército brasileiro do século XVII ao XX. Funciona diariamente das 10h às 16h.



Museu do 1º Reinado (Casa da Marquesa de Santos)

A edificação de 1826 em neoclássico, construída por D Pedro I para a amante Marquesa de Santos, abriga o Museu do 1º Reinado desde 1979, com pinturas, murais, decorações e móveis típicos da época. A casa também foi moradia do Barão de Mauá. Reza a lenda que existe um túnel ligando a casa ao Paço de São Cristóvão, por onde o imperador seguia secretamente quando visitava a amante. Aberto de 3ª a 6ª feira, das 11:30 às 17h. Av. D. Pedro II, 293. Tel.: 25899627.



Igreja de São Cristóvão

Era comum pescadores amarrarem seus barcos na porta da igreja. Seu acesso dava-se pelo mar quando os diversos aterros ainda não o tinham levado para longe. A igreja agora distante d'água foi reconstruída e ampliada no século XIX, tomando a forma em estilo gótico-romano dos dias atuais. A construção original data do século XIV. Rua Padre Sèves, 10.

Estação Baião de Dois

O restaurante transferiu-se de seu antigo endereço em Vila Isabel para o Pavilhão, logo na inauguração do Centro de Tradições Nordestinas, onde hoje é um dos mais disputados. Seus pratos vão de moqueca a carne seca e de sol, caldinhos variados e doces típicos. Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, Pavilhão de São Cristóvão. Tel.: 3295-5004. www.baiaodedois.com.br



Riozoo

Com uma área de 138 mil metros quadrados, mais de 2.100 animais entre répteis, mamíferos e aves, é um dos mais modernos do mundo. Além da exposição de animais a *Fundação Riozoo* desenvolve projetos de preservação do meio ambiente, reprodução em cativeiro de espécies raras e pesquisa. Quinta da Boa Vista, de terça a domingo, 9-16:30h Tel.: 3983-8400 www.rio.rj.gov.br/riozoo



Educandário Gonçalves de Araújo

O tradicional colégio católico está abrigado sobre um belo exemplar de arquitetura neogótica portuguesa. A edificação centenária destaca-se na paisagem do Campo de São Cristóvão. Vale uma atenção especial aos detalhes de sua fachada. Campo de São Cristóvão, 310.

agenda cultural



Barraca da Chiquita

Com 24 anos, é um dos restaurantes mais tradicionais da Feira de São Cristóvão. Como não poderia deixar de ser, oferta o melhor da culinária nordestina. Uma boa pedida é a Costela de Bode Assado com Feijão de Corda, que cai bem acompanhando o vinho Terra Nova da região do Vale do São Francisco. O restaurante também serve bons *drinks* de frutas típicas do Nordeste. Fica no Pavilhão de São Cristóvão, Av. Nordeste, ao lado do Palco Jacson do Pandeiro, Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Sexta-feira, a partir de 10h, até domingo, às 22h. Tels.: 3295-5194 e 3295-5195.

Restaurante da Quinta da Boa Vista

O restaurante funciona no parque desde 1954, ofertando a culinária portuguesa. Sua edificação é do fim do século XIX, em arquitetura eclética. Interessante verificar o brasão da república logo em sua entrada. Dizem que é uma afirmação republicana, logo depois da proclamação, sobre o antigo parque imperial. Quinta da Boa Vista. De segunda a domingo, das 12h às 22h. Tel.: 2589-6551.



Estádio de São Januário



Inaugurado em 21 de abril de 1927, é campo de futebol do Clube Vasco da Gama. Foi o maior estádio do Brasil até a inauguração do Pacaembu, em São Paulo, nos anos 40, e maior do Rio até a chegada do Maracanã, em 1950. Além do futebol, o espaço foi usado por Getúlio Vargas, muitas vezes, em seus discursos populistas. Seu recorde de público é de 40.209 pagantes, no jogo Vasco 0 x 2 Londrina, em 78. Mas reza a lenda que mais de 60 mil pessoas nele se espremeram para ver o amistoso Vasco 1 x 0 Arsenal, em 49. Rua General Almérico de Moura, 131.

Portão do Zoológico

Construído originalmente para ser o portão do Paço de São Cristóvão, foi um presente do Duque Northumberland a Dom João VI. Instalado em 1812-16, é cópia do projeto de Robert Adam para Sion House na Inglaterra. Seu estilo neoclássico enfeita hoje a entrada do Zoológico da cidade. Quinta da Boa Vista, s/n.



Restaurante Cidade do Porto

No bairro desde 1963, o restaurante é mais um português tradicional da área. Sua especialidade, como não poderia deixar de ser, o bacalhau. Em destaque o Bacalhau ao Zé do Telhado (cozido e gratinado no forno com purê de batatas ao molho de cebola). Rua Leonor Porto, 31, Campo de São Cristóvão. Terça a domingo, das 9h ao último cliente. Tel.: 2580-9038.



**PRESERVE
FURNAS
SEMPRE ASSIM**

**FURNAS.
RESPONSABILIDADE
COM OS RECURSOS
NATURAIS
BRASILEIROS.**

FURNAS tem muitos motivos para comemorar o Mês do Meio Ambiente. Sua política ambiental ajuda a conservar os recursos naturais e firma o compromisso com o bem-estar de todos os brasileiros. Na área ambiental, merecem destaques programas como o monitoramento de unidades de conservação que protege a flora e a fauna do cerrado e ainda os diversos programas de monitoramento das águas e das espécies de peixes encontradas em seus reservatórios. São programas como estes executados por FURNAS que ajudam a promover o desenvolvimento sustentável do Brasil.



FURNAS. Energia para o desenvolvimento sustentável.



COMPANHIA
NUCLEARES SA



Ministério de
Minas e Energia

